

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRISTE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

“LEITORES EU VOU CONTAR, UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRISTE, E UM CRIME HORRIPILANTE”: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX ¹

Geraldo Magella de Menezes Neto
Mestrando em História Social da Amazônia - UFPA

RESUMO: No catálogo de folhetos de cordel da editora Guajarina de Belém do Pará, que atuou na primeira metade do século XX, encontramos muitos folhetos sobre crimes. Este tema atraía a atenção do público consumidor do cordel. De fato, muitos destes poemas rimados trataram de crimes de grande repercussão não apenas no Pará, mas até fora do Brasil. Os poetas que produziam esse tipo literatura atribuíam diversos valores aos crimes e aos atores envolvidos, como os criminosos e as vítimas. Neste trabalho, a partir da análise de variados folhetos, buscamos perceber os múltiplos olhares e significados sobre o crime, e sobre os sujeitos sociais envolvidos nestes delitos, visando entender como algumas dessas experiências sociais foram compreendidas e representadas no estado do Pará.

PALAVRAS-CHAVE: Cordel; Crimes; Representações.

ABSTRACT: In the first half of the 20th century, the publisher Guajarina, in Belém do Pará (Brazil) edited a series of booklets (*folhetos*) in which were described crimes that took place in Brazil and abroad. This text analyses this kind of Brazilian popular literature, known as *cordel*, focusing on the many meanings given to the crimes described in the *folhetos*, and on the social groups which appeared in the booklets. It thus addresses social experiences and their representation in this form of literature.

KEY-WORDS: Cordel; Crimes; Representation.

¹ Este trabalho faz parte do projeto “Por uma história da leitura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1914-1949)”, sob a orientação da Profa. Dra. Franciane Gama Lacerda (PPHIST-UFPA), com o apoio financeiro da CAPES.

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRISTE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

Introdução²

Leitores eu vou contar
um caso impressionante
uma scena muito triste³
e um crime horripilante
passado aqui em Belém,
conforme vereis adiante. (MARTINS, 1929: 1).

Com os versos acima o poeta Thadeu de Serpa Martins inicia a história do folheto *O caso da menor Anália*, publicado pela editora Guajarina. O folheto trata da história da menina Anália Silva, que teria sido desonrada pelo patrão Antônio Rodrigues. A história teve como desfecho trágico o assassinato de Rodrigues pelos irmãos da própria esposa. O caso teve grande repercussão na sociedade paraense, e o folheto atingiu a terceira edição em janeiro de 1929.

Este é apenas um exemplo dos muitos folhetos que trataram de crimes de grande repercussão editados pela Guajarina.⁴ Tal editora foi muito importante como divulgadora da chamada poesia de cordel, sendo considerada “o maior fenômeno editorial do Pará e seguramente um dos maiores do Brasil, no campo da literatura de cordel”, segundo Vicente Salles (VICENTE, 2000: 9). Sem dúvida, assuntos de crime e de violência eram temas que atraíam o público consumidor deste tipo de literatura. Neste trabalho, procuramos entender as representações sobre o crime nos versos produzidos pelos poetas da editora paraense na primeira metade do século XX.

² Uma versão preliminar desse artigo foi apresentada no XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio, na UNIRIO, entre 19 e 23 de julho de 2010, com o título “Crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX”, no simpósio temático “História do crime e da justiça criminal”.

³ Neste trabalho optamos por preservar a escrita original dos folhetos de cordel da primeira metade do século XX com a grafia da época.

⁴ A Guajarina foi criada em Belém no ano de 1914, tendo como editor o pernambucano Francisco Lopes. Além da literatura de cordel, a editora publicava revistas como *O Mondrongo* e *Guajarina*, assim como uma coleção de modinhas. A editora encerra as suas atividades no ano de 1949. Sobre a Guajarina, ver SALLES (1971; 1985).

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSITE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

Para entendermos as representações utilizadas pelos poetas da Guajarina para qualificar o crime e os personagens envolvidos, utilizamos as idéias da história cultural propostas por Roger Chartier. Para o historiador francês, a história cultural tem por principal objeto “*identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler*”. (CHARTIER, 1990: 16-17). Nesse sentido, uma idéia importante se refere às “*representações do mundo social*”, que seriam as “*classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real.*” Chartier aponta ainda que as percepções do social produzem “*estratégias e práticas*” que tendem a “*impor uma autoridade à custa de outros*”, a “*legitimar um projeto reformador*” ou a “*justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas*”. (CHARTIER, 1990: 17).

Nesse sentido, ao nos propormos a analisar tais folhetos que versam sobre crimes, concordamos com a perspectiva de Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira, de que a literatura para o historiador é tomada como um “*testemunho histórico*”, sendo parte de sua investigação “*destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social.*” (CHALHOUB; PEREIRA, 1998: 7). Assim, a criminalidade, conforme afirma Boris Fausto, “*expressa a um tempo uma relação individual e uma relação social indicativa de padrões de comportamento, de representações e valores sociais*”. (FAUSTO, 2001: 27). Desse modo, a literatura de cordel se torna uma fonte importante que pode contribuir para o entendimento das representações e valores acerca do crime no Pará na primeira metade do século XX, e ao mesmo tempo nos permite compreender algumas das práticas de leitura de uma parcela da população que demonstrava interesse pelos folhetos sobre crimes.

Para o presente trabalho, foram analisados dez folhetos da Guajarina. Seis folhetos tratam de crimes ocorridos no Pará⁵; dois no Rio de Janeiro⁶; um em São Paulo⁷; e outro ainda nos Estados Unidos.⁸ Cabe ressaltar que a maioria trata de crimes contra mulheres e

⁵ *A tragédia do bairro de Canudos – Narrativa da mulher que, em defesa da honra conjugal matou seu seductor com um pão de goiabeira*, de autor anônimo; *O caso da menor Anália*, de Thadeu de Serpa Martins; *O homem-fêra: os sofrimentos de uma creancinha de 3 anos de idade*, de Firmino Teixeira do Amaral; *História completa de Severa Romana*, de autor anônimo; *O crime da Praça da República*, e *O crime da Praça da República (Segundo volume)*, ambos de Arinos de Belém.

⁶ *O crime das duas malas*, de Apolinário de Souza; e *A morte do General Pinheiro Machado e a confissão do assassino*, de autor anônimo.

⁷ *O crime da mala ou a tragédia silenciosa*, de Thadeu de Serpa Martins.

⁸ *O rapto misterioso do filho de Lindbergh*, de Zé Vicente.

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSITE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

crianças. O recorte temporal trabalhado é a primeira metade do século XX, visto que esse foi o período de atuação da Guajarina, e pelo fato de alguns folhetos tratarem de crimes ocorridos antes mesmo da fundação da editora, mas que ficaram marcados na memória popular, como o assassinato de Severa Romana.

Uma observação a ser feita é que alguns folhetos indicam que estão na segunda ou terceira edição, o que sugere uma grande procura do público por histórias sobre crimes de grande repercussão. Assim, significativo é o folheto *O crime da Praça da República*, de Arinos de Belém, que trata do assassinato da peruana Izabel Tejada no ano de 1942 por Red Lucier e Beatriz Colares, na cidade de Belém. No Acervo do Museu da UFPA, encontramos o primeiro e o segundo volumes desse folheto. No segundo volume há o aviso de que “*Sairá num só volume todo o Crime da Praça da República aumentado e ilustrado. Preço Cr\$ 2,00.*” (BELÉM, 2 vol, s/d: 16). Além desses dois folhetos, com a indicação de um terceiro a ser publicado “*aumentado e ilustrado*”, nos deparamos com outras referências. Um exemplo disso é a revista *Pará Ilustrado*, que informa aos seus leitores em 1943 que acabava de ser lançado o folheto de autoria de Zé Vicente “*intitulado o ‘Julgamento de Red e Beatriz’ em continuação do folheto anterior intitulado ‘Os estranguladores de Izabel Tejada’.*” (PARÁ ILUSTRADO, 20/02/1943: 49).

Cabe ressaltar que o interesse pelo crime não era comum apenas à literatura de cordel. A temática do crime passa a ocupar um grande espaço nos jornais na virada do século XIX para o XX. Ana Ottoni, em estudo sobre as notícias de crime nos jornais do Rio de Janeiro entre 1900 e 1920, aponta que os jornais cariocas “*divulgavam com vigor as notícias de crimes*”, chegando por vezes a ocupar a “*primeira página do jornal, com títulos muitas vezes redigidos em letras grandes e em negrito para chamar atenção de seus leitores.*” (OTTONI, 2010: 3). Já Ana Porto aponta que a literatura de crime era “*uma parte relevante*” do mercado editorial do Rio de Janeiro e São Paulo no período 1870-1920. (PORTO, 2009: 6). Uma característica desse tipo de literatura era o “sensacional”, por se fixarem em contar os fatos nas suas minúcias, com “*cenar sangrentas, descrições de cadáveres e delineação do momento do crime*”. (PORTO, 2009: 7). Nesse sentido, a presença de histórias de crimes na literatura de cordel está dentro de um contexto em que esse tema é abordado em diferentes tipos de impressos.

De fato, em vários folhetos os poetas recordam de outros crimes, o que nos indica que o leitor de cordel já tinha conhecimento de outros casos de grande repercussão, que podem ter sido retratados no cordel, na literatura ou nos jornais. Assim, no folheto *O*

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSITE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

homem-féra: os soffrimentos de uma creancinha de 3 annos de idade, o poeta Firmino Teixeira do Amaral recorda de outros casos que provavelmente os leitores já tinham conhecimento:

Uma scena imitando a esta
Em Pernambuco se deu,
D'um "Pae-Féra" que n'um dia
A três filhas offendeu;
Com quatro dias depois
Damnou-se e endoideceu. (AMARAL, s/d: 15).

Deu-se outro facto assim
No Estado da Bahia
Na casa d'um lavrador
Que três filhas possuía,
A menor, de quatro annos,
Sofreu cruel tyrannia. (AMARAL, s/d: 16).

Nos exemplos acima, Firmino Teixeira do Amaral lembra o leitor de outros casos parecidos ao do "homem-fera", que trata do estupro da menina Maria, de apenas três anos, em Belém do Pará, provavelmente na década de 20. O poeta se refere a casos que ocorreram em Pernambuco e na Bahia, que também tinham como características o fato das vítimas serem crianças.

O "homem-fera": representações sobre os criminosos

A partir daqui, vamos analisar as representações dos criminosos nos folhetos da Guajarina. Nos folhetos analisados há vários tipos de criminosos. Contudo, apesar da diversidade de crimes, o modo como eles são representados não diferem muito. Vejamos a seguir alguns exemplos:

Um homem tornou-se féra
esqueceu que era humano,
e matou a sua esposa
de modo bárbaro tyrano,
e depois de assassinal-a
elle arranjou outro plano. (MARTINS, 1930: 2).

Arlindo Teixeira é
O pae da desventurada
Que com tres annos de idade
Foi cruelmente estuprada
Pelo bárbaro "Homem Fera",
Alma perversa e damnada!... (AMARAL, s/d: 2).

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSISTE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

Sem dizer uma palavra
deu-lhe outra macetada,
e Irene perdeu a vida
sem poder dizer mais nada;
estava feito o desejo
daquela féra malvada. (SOUZA, s/d: 13).

Os versos acima, do folheto *O caso da menor Anália*, de Thadeu de Serpa Martins, *O homem-féra: os sofrimentos de uma creancinha de 3 annos de idade*, de Firmino Teixeira do Amaral, e *O crime das duas malas*, de Apolinário de Souza, nos indicam uma representação corrente acerca dos criminosos: a de que eles são “feras”, ou seja, perderam a sua condição de humanos ao cometerem crimes de tamanha repercussão. Embora em contexto diverso, é possível relacionar essa representação com as atitudes humanas em relação aos animais na Inglaterra do período moderno, analisadas por Keith Thomas. Segundo Thomas, “se a essência da humanidade era definida como consistindo em alguma qualidade específica, seguia-se então que qualquer homem que não demonstrasse tal qualidade seria sub-humano ou semi-animal.” (THOMAS, 1988: 49).

O caso dos criminosos nos parece exemplar nesse sentido. Para os poetas, os autores dos crimes relatados não podiam ser considerados humanos, já que a humanidade não tolera tais atos “bárbaros”. Segundo Keith Thomas, John Locke considerava que quando um agressor ignorava os ditames da razão humana automaticamente se tornava “passível de ser eliminado como uma fera”. (THOMAS, 1988: 56).

Também é importante ressaltar que a representação de criminosos como “feras” está dentro da estrutura que uma história desse tipo requer, ou seja, “vilões” desprovidos de qualquer sentimento humano, de qualquer moral. Candace Slater, ao analisar o folheto *O Monstruoso Seqüestro de Serginho*, de Apolônio Alves dos Santos (que trata do seqüestro e da morte do menino Sérgio, de onze anos, na cidade de Bom Jesus de Itabapoana, no Estado do Rio de Janeiro, em 1977), lembra que neste cordel “as descrições das pessoas são bem genéricas”, reforçando-se mais os papéis sociais dos envolvidos do que traços característicos das pessoas, ressaltando o interesse do cordel “mais na moral do que nas realidades físicas”. (SLATER, 1984: 139).

Assim, pode-se dizer que o poeta descreve as pessoas consideradas criminosas dessa maneira por acreditar que o público deseja vê-las retratadas dessa maneira. Cria-se desse modo, uma espécie de punição e de condenação por meio do próprio poema. Não se pode esquecer que os crimes de grande repercussão levam a comoção e ao mesmo tempo repulsa pelo modo como foram tratadas as vítimas. Nos exemplos citados as vítimas foram

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSISTE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

mulheres e crianças, o que talvez permitisse que tais atos criminosos fossem vistos como sendo portadores de um grau ainda maior de “barbaridade”, considerando-se a idéia de fragilidade em relação às crianças e mulheres. Ao lado disso, os folhetos de cordel são também uma mercadoria. Desse modo, uma história só é transformada em versos se ela puder ser comprada: o poeta depende do público. Esse público visado pelo poeta deseja que o criminoso seja tratado como uma “fera”. Assim, esse sentimento é compartilhado entre autor e leitores.

Para Candace Slater, a despeito de certo interesse em transmitir “o que realmente ocorreu”, a fidelidade primeira do poeta é a uma “visão especial de mundo”. Ele passa então “a mesclar reflexão moral com descrição” (SLATER, 1984: 148-149). Ana Galvão, ao analisar o folheto *O bárbaro crime das mattas da Várzea*, assinado por João Martins de Athayde (sobre um assassinato ocorrido em 1928, quando um homem mata uma mulher em um subúrbio do Recife), aponta que o poeta parece, pois, em todo o folheto, transformar as pessoas reais, protagonistas de uma história cotidiana de amor e crime, “em personagens de um conto, que traz para o leitor, elementos de certa forma universais”. (GALVÃO, 2006: 90).

Além da representação dos criminosos como “feras”, temos alguns versos em que os criminosos assumem comportamentos de animais:

Matar-se por essa forma
é ser perverso de mais,
é ter um genio de cobra
ter parte com Satanaz,
é dar exemplo que o homem
de todo o crime é capaz. (MARTINS, 1930: 7).

Entrou subtil como gato,
Todos dormindo não viu;
Não achando o que roubar
Fechou a porta e saíu;
Carregando a jovenzinha
Ligeiramente fugiu. (AMARAL, s/d: 4).

O desgraçado entrou
Na matta como um leão,
Com o pensamento de féra
D’um typo sem coração,
Buscando cumprir a gana
De sua mal intenção! (AMARAL, s/d: 4).

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSITE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

Já que os criminosos são representados como “feras”, o poeta também associa seus passos aos dos animais. Mas o que seria ter um “*gênio de cobra*”, ou entrar “*sutil como um gato*” ou na mata “*como um leão*”? Também aqui podemos utilizar algumas das observações de Keith Thomas sobre a Inglaterra do período moderno, já que o valor oficialmente atribuído aos animais era negativo, ajudando a definir, por contraste, o que supostamente distinguia ou exaltava a espécie humana. Sem serem iguais ao homem, nem completamente diferentes, “*os animais ofereciam uma reserva quase inesgotável de significados simbólicos.*” (THOMAS, 1988: 48). Thomas aponta que o homem “*atribuía aos animais os impulsos da natureza que mais temia em si mesmo – a ferocidade, a gula, a sexualidade.*” (THOMAS, 1988: 48). No caso dos crimes, os atos cometidos pelos criminosos eram relacionados a ações dos animais que também eram atribuídas pelo homem.

“As mãos negras de um sicário”: representações de criminosos e negros

Outra representação que os poetas da literatura de cordel utilizam é a associação entre criminosos e negros, a exemplo dos versos abaixo:

Irene perdeu a vida
às mãos negras de um sicário
que durante muitos anos
fez de seu lar um templário,
onde outrora confessou-lhe
um amor extraordinário. (SOUZA, s/d: 13).

Mas a Justiça de Deus
nunca falta neste mundo;
ela vem e se descobre
o mistério mais profundo;
e o criminoso aparece
com seu perfil negro imundo. (SOUZA, s/d: 21).

O cabo Antônio Ferreira
logo pensou na traição
e procurou de Severa
conquistar seu coração,
covardemente tentando
uma negríssima ação. (ANÔNIMO, s/d: 6).

Percebemos nesses versos um preconceito racial dos poetas de cordel ao associar os criminosos aos negros, utilizando termos como “*as mãos negras de um sicário*”, “*perfil negro imundo*”, e “*negríssima ação*”. Interessante observar que nos folhetos *O crime das*

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSISTE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

duas malas, de Apolinário de Souza, e *História completa de Severa Romana*, de autor anônimo, não há descrições físicas dos autores dos crimes, contudo suas ações são retratadas negativamente como sendo de negros. Segundo Clóvis Moura, em um estudo sobre o preconceito de cor na literatura de cordel, o “*status do negro nessa literatura é, sistematicamente, inferior ao do branco.*” (MOURA, 1976: 25). Moura encontra em vários folhetos de cordel uma identificação do negro com o demônio, exemplar no folheto *A chegada de Lampião no inferno*, de José Pacheco, no qual o inferno é “*povoado de negros*”, e deve ser conquistado por Lampião, que representa, “*simbolicamente, o branco e os seus valores sociais básicos*”. (MOURA, 1976, p. 50).

Assim, podemos supor que no contexto da primeira metade do século XX, período em que foram publicados os folhetos da Guajarina, há ainda presente uma mentalidade da sociedade escravista brasileira em relação à condição do negro, visto muitas vezes negativamente, como um ser inferior. Segundo Keith Thomas, os séculos XVII e XVIII “*ouviram muitos discursos sobre a natureza animal dos negros, sobre sua sexualidade animal e sua natureza brutal.*” (THOMAS, 1988: 50).

Podemos relacionar tais representações com a análise de Lilia Schwarcz sobre as representações dos negros nas notícias de jornais de São Paulo no fim do século XIX. A autora aponta que o negro “*alienado*”, “*bêbado*”, “*imoral*”, e de “*práticas bárbaras*” torna-se “*cada vez mais freqüente nas diferentes seções dos jornais*”. (SCHWARCZ, 1987: 224). Essas representações dos negros estão associadas com o projeto político para constituir a nação a partir de 1889, quando da proclamação da República. Nesse momento, a maior questão “*não remetia mais diretamente ao problema da libertação dos escravos, tratava-se antes de dimensionar quem era e quem compunha essa nova nação, como seus cidadãos.*” (SCHWARCZ, 1987: 221).

Desse modo, as teorias raciais que inferiorizavam os negros vão influenciar vários autores nacionais. Lilia Schwarcz cita Nina Rodrigues, que “*hierarquizava os diversos povos, procurando demonstrar nesse sentido a incapacidade da raça negra em adaptar-se à civilização.*” Outro autor citado é Euclides da Cunha, que colaborava no jornal *Província de São Paulo* desde 1889. Euclides via a mestiçagem de raças “*como um risco*”, “*um retrocesso*”, já que “*o mestiço é quase sempre um desequilibrado.*” (SCHWARCZ, 1987: 222-223).

Refletindo sobre a família escrava no século XIX, Robert Slenes refere-se ao romance *A carne* de Júlio Ribeiro, publicado em 1888, em que aparece a associação entre

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSISTE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

escravos e gados que “*era comum na época*” não somente como “*semoventes, categoria codificada em lei, mas como seres sexualmente desregrados*” (SLENES, 1999: 134). O autor afirma ainda que o racismo, os preconceitos culturais e a ideologia do trabalho da época “*predispunham os viajantes europeus e os brasileiros ‘homens de bem’ a verem os negros, que aparentemente não seguiam suas regras na vida íntima, como desregrados.*” (SLENES, 1999: 141).

Desse modo, a associação dos criminosos aos negros feita pelos poetas de cordel tinha como um de seus objetivos desumanizar os autores dos crimes. Tal relação acabava por associá-los também a animais, idéia essa que não era nova nem exclusiva dos poetas de cordel, tinha antes raízes mais profundas, como apontam as análises de Lilia Schwarcz e Robert Slenes. Assim, atos de tal repercussão dos criminosos nos folhetos não eram compatíveis com o ser humano. Essa representação associada aos negros na perspectiva dos poetas colocava os criminosos numa escala ainda mais inferior, capazes de cometerem atos que seriam condenáveis para a sociedade.

O “exemplo de mulher digna”: representações sobre a honra feminina

Dentre os folhetos sobre crimes, destacamos dois relacionados à questão da honra feminina: *A tragédia do bairro de Canudos – Narrativa da mulher que, em defesa da honra conjugal matou seu sedutor com um pão de goiabeira* e *História completa de Severa Romana*. Os dois folhetos são de autor anônimo. Apesar do mesmo tema, os folhetos possuem algumas diferenças.

A tragédia do bairro de Canudos trata da história de Maria Francisca, que matou seu sedutor Manoel Faustino em defesa de sua honra. O crime teria ocorrido em 3 de setembro de 1931, em Belém, e teve grande repercussão. Maria Francisca foi julgada e absolvida em 19 de novembro do mesmo ano, considerando-se que a mesma matara seu agressor para não manchar a sua honra de mulher casada virtuosa, fiel ao seu marido. Sugerindo a repercussão de tal evento na pacata capital do Pará de 1931, o folheto é publicado no dia posterior à absolvição de Maria Francisca. (ANÔNIMO, 1931).

Quais as representações em relação ao crime, à Maria Francisca, e a Manoel Faustino? Em primeiro lugar vamos falar de Faustino. Ele foi assassinado, contudo, também cometeu um crime, pois tentou “possuí-la a força”. Vejamos a seguir como o autor o apresenta:

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSITE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

Vou fazer um relatório
do que dantes sucedeu,
pois tudo tem sua historia
neste mundo de Deus meu
assim também tinha o homem
que, coitado, já morreu! (ANÔNIMO, 1931: 14).

Manoel Faustino era o nome
do pobre, que não era máo...
mas que não soube conter se
e paixão teve em tal grão
por uma mulher casada
que afinal matou-o a páo! (ANÔNIMO, 1931: 14).

Destacamos os versos acima, pois nele há uma representação do autor sobre Manoel Faustino. Cabe lembrar que, mesmo sendo casado, e tentando possuir uma mulher que também era casada, o autor se refere a Faustino como pobre, “*que não era mau*”, já que não soube conter a sua paixão. Esses versos são significativos. Rachel Soihet nos aponta que a mentalidade vigente no Brasil urbano do fim do século XIX e início do XX não condenava o adultério masculino, já que “*a fidelidade obrigatória era impossível de ser mantida pelo homem cuja sexualidade era excessivamente exigente, resvalando a qualquer ‘sedução’.*” (SOIHET, 2004: 384). O fato de Manoel Faustino, mesmo sendo casado, se apaixonar por Maria Francisca era então visto como algo normal pelo autor, que não lhe condena por isso. Os adjetivos como “fera” e “bárbaro” não foram utilizados em relação a Faustino.

O autor do folheto se concentra mais na atitude de Maria Francisca em defender a sua honra, como nos mostra os versos a seguir:

Vencera, afinal, Maria
que defendera o seu lar.
Se matou não foi por gosto,
mas porque queria honrar,
seu nome de esposa e mãe
que Deus lhe déra no altar. (ANÔNIMO, 1931: 19).

Quando a mulher vence a lucta
e consegue tal victoria,
serve de exemplo ás demais
como heroínas da historia!
pois para a mulher que é digna
ser esposa e mãe é glória! (ANÔNIMO, 1931: 20).

Nos versos acima, a representação que temos de Maria Francisca é de uma heroína, que serve de exemplo às outras mulheres. Por que o autor a representa dessa maneira? No

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSITE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

contexto da sociedade brasileira do início do século XX, tamanha era o significado da honra feminina “*que algumas mulheres não vacilavam em exterminar seus perseguidores, ao se virem importunadas pelas insistentes abordagens e tentativas de sedução.*” (SOIHET, 2004: 393). Esse recurso extremo aparecia muitas vezes como única alternativa, já que “*violentada a mulher, o seu processo de estigmatização é irreversível.*” (SOIHET, 2004: 393). Maria Francisca é representada então como um exemplo de esposa, que apesar de todas as perseguições que sofreu, conseguiu defender a sua honra. Além disso, os versos não deixam de transparecer também que esta nem sempre é atitude de toda mulher, que não raro é vista como pouco confiável, precisando, portanto, ser disciplinada. De fato, o poeta afirma que somente “quando” esta dá motivos é que pode servir de exemplo, o que sugere que nem todas as mulheres, por sua conduta, servem de modelo para outras mulheres.

Outro folheto importante é *História completa de Severa Romana*, que circula em Belém desde 1946 ou 47, aproximadamente, segundo Vicente Salles. (ANÔNIMO, s/d: 1). O folheto trata do assassinato de Severa Romana pelo cabo Antônio Ferreira em Belém no ano de 1900. Severa, então com 18 anos era casada com Pedro e estava grávida. Após a morte, Severa foi transformada em santa popular, sendo atribuída a ela a cura de milagres.

Assim como Maria Francisca, Severa também é vista como um exemplo às demais mulheres:

O nome, então, de Severa
tornou-se grande, cresceu.
Ela em defesa da honra
sem socorro pereceu,
mas um exemplo sublime
de mulher digna deu. (ANÔNIMO, s/d: 12).

Soube cumprir a promessa
o juramento sagrado,
a palavra que afirmou
no altar imaculado
de ser esposa fiel,
ter o nome sempre honrado. (ANÔNIMO, s/d: 13).

A representação de Severa é a de que ela é um exemplo de mulher “*digna*” e “*fiel*”, pois “*cumpriu a promessa*” do “*juramento sagrado*”. Franciane Lacerda aponta que a pobreza de Severa “*é relemburada como mais um elemento na constituição de seu martírio.*” (LACERDA, 2008, p. 5). As mulheres pobres não viviam de acordo com o modelo burguês

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSISTE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

de família, pareciam fugir ao que era entendido como um grupo disciplinado e civilizado. Assim, sendo Severa das camadas populares, muitas vezes pensadas como “*classes perigosas*”, sua atitude diante da morte e de sua honra deve ter “*causado estranheza a muita gente, corroborando ainda mais para a construção dos louvores ao seu ‘martírio’.*” (LACERDA, 2008, p. 5).

Já a representação do cabo Antônio Ferreira, o assassino de Severa, é totalmente diferente da de Manoel Faustino, de *A tragédia do bairro de Canudos*. Aqui, sobram adjetivos negativos, como “*fera*”, “*monstro*”, “*chaca*”, “*bruto*”, “*tratante*”. Interessante observar que o autor alerta os casais sobre as circunstâncias do crime:

Quem tem esposa não deve
deixá-la em casa sozinha
quando ali fica um amigo
seja um “alma de andorinha”,
pois, é certo, a tentação
em qualquer peito se aninha. (ANÔNIMO, s/d: 19).

Esse crime se deu,
de exemplo eterno serviu.
Não se deve confiar
que qualquer um tenha brio,
não vem escrito na testa
ninguém sabe, ninguém viu. (ANÔNIMO, s/d: 19).

O cabo Antônio Ferreira era amigo de Pedro, esposo de Severa, que resolveu ajudá-lo, hospedando-o em sua casa. Quando Ferreira estava sozinho com Severa, ele tentou possuí-la à força. O autor chama a atenção para o fato, alertando que o marido não deve deixar a esposa só com um amigo, já que é certo “*a tentação*”.

O “crime da Praça da República”

Um crime que foi objeto de dois folhetos e que merece uma atenção especial devido às particularidades das representações da vítima e dos criminosos envolvidos é o chamado “crime da Praça da República.” Izabel Tejada y Perez, de nacionalidade peruana, foi assassinada na cidade de Belém do Pará na data de 6 de novembro de 1942. Ela teria sido esganada por Raimundo Lucier, conhecido por Red Lucier, que tinha como cúmplice a sua amante Beatriz Colares. Além do assassinato, o casal teria roubado as jóias da peruana,

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSITE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

que era dona de uma casa de prostituição na capital paraense. O poeta Arinos de Belém⁹ publicou dois folhetos sobre o caso, que teve grande repercussão na década de 40.

Os três personagens principais da história são retratados de forma distinta por Arinos de Belém. Apesar de Izabel Tejada ser a vítima, não recebe muita atenção por parte do poeta, nem os mesmo adjetivos das vítimas nos outros folhetos:

Izabel Tejada era
a dona daquele Harém
no local mais aprasível
da pitoresca Belém,
onde entrava boa gente
Lucier entrou também. (BELÉM, s/d: 6).

Dele fez o seu amante,
ele depois a odiou,
ela tinha a grave falta
que sempre a denunciou
era “cafitina” em scena
muitas vitimas causou. (BELÉM, s/d: 7).

Izabel Tejada era dona de uma casa de prostituição na capital paraense. A prática da prostituição, para o poeta e para a sociedade em geral, era condenável, então não caberia na história de um folheto de cordel retratar Izabel Tejada como uma heroína, uma vítima que possuía virtudes, a exemplo de Severa Romana e Maria Francisca. Assim, em dois folhetos sobre o crime da Praça da República, as poucas referências que o leitor encontra sobre quem era Izabel Tejada são as de que ela era “*dona daquele Harém*”, e “*cafitina’ em scena*”.

Já os criminosos, Red Lucier e Beatriz Colares, ganham atenção especial por parte de Arinos de Belém, recebendo várias adjetivações e justificativas pelos seus atos. Em primeiro lugar, vamos entender como Red Lucier é retratado no primeiro volume de *O crime da Praça da República*:

A história que vou contar
na sua forma real,
tem como protagonista
deste caso emocional

⁹ Arinos de Belém era o pseudônimo de José Esteves. Natural de Belém, filho de espanhóis, suas atividades intelectuais foram diversificadas no jornalismo, colaborando principalmente nas revistas *Guajarina* e *A Semana*. Fez parte do grupo liderado por Ernani Vieira, em torno do qual conviviam os “*pequenos literatos*” que não tinham facilidades para ingresso nos jornais e revistas de “*maior conceito*”. Publicou vários folhetos de cordel pela editora Guajarina, muitos tratando de temas nordestinos. (SALLES, 1985: 185).

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSITE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

um paraense bem jovem
mais feroz que um chacal. (BELÉM, s/d: 2).

É que em seu sangue talvez
por parte do pae exista
a tara do cabroeira
a vingança assassinista
que torna um filho tarado
um elemento anarquista. (BELÉM, s/d: 2).

Nascido de humilde gente
em Igarapé-Assú
Red Lucier, a féra
viveu vida humilde e nú,
e ao Rio de Janeiro vae
qual abutre ou urubu. (BELÉM, s/d: 3).

Nas estrofes acima percebe-se que assim como os criminosos de outros folhetos, as representações de Lucier são feitas com o objetivo de desumanizá-lo, destacando-se versos como “*mais feroz que um chacal*” e “*Red Lucier, a fera*”. Contudo, o que diferencia a abordagem de Arinos de Belém dos outros poetas que produzem folhetos sobre crimes de grande repercussão, é que ele insere um novo elemento para justificar os crimes: a questão da hereditariedade, ou seja, Red Lucier possui tal caráter devido aos pais. Arinos de Belém especula que Red Lucier tomou tais atitudes negativas por causa do sangue do pai, que teria “*a tara do cabroeira*”, “*a vingança assassinista*”.

Já em relação à Beatriz Colares, há uma diferença de abordagem, como nos indica as estrofes: “*Essa Beatriz Colares/ de gênio inquieto e vário/ é filha de gente boa,/ de pobre e humilde operário/ que lhe dando bons conselhos/ via tudo ao contrario.*” (BELÉM, s/d: 8). Em relação à Beatriz, o poeta aponta que as atitudes de dela eram atos individuais, que não tinham como origem a questão familiar, já que ela era “*filha de gente boa,/ de pobre e humilde operário*”, diferentemente, portanto de Red Lucier, que teria tal caráter devido ao sangue de família.

O final do segundo folheto de *O crime da Praça da República* é revelador da posição do poeta em relação ao crime. Arinos de Belém parece esquecer todos os adjetivos negativos que atribuiu em relação à Red Lucier e o coloca em uma posição de vítima em relação à paixão que tinha por Beatriz Colares:

Quem sabe se Beatriz
os crimes insinuava
atirando ao precipício
esse rapaz que ela amava?
Si ela lhe pedia o luxo

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSITE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto como era que ele o dava? (BELÉM, 2 vol, s/d: 14).

Apaixonado, talvez,
para a mulher agradar
ele que não tinha emprego
não queria se humilhar
e de uma ou outra forma
ele tinha de arranjar. (BELÉM, 2 vol, s/d: 15).

Finalmente, o que será,
criminoso ou seduzido?
Beatriz, a loura venus
o teria corrompido?
a sua louca amizade
o teria enlouquecido? (BELÉM, 2 vol. s/d: 15).

Nas estrofes finais, o poeta especula se não teria sido Beatriz Colares quem levou Lucier a cometer tais crimes. Isso, de certo modo, minimiza a situação de Lucier no assassinato de Izabel Tejada, já que estava “*apaixonado*” e “*seduzido*”. Essa postura nos indica que o segundo folheto de Arinos de Belém traz uma versão masculina do fato. Assim, tal abordagem se assemelha ao do folheto *O barbaro crime das mattas da Várzea*, analisado por Ana Galvão, onde ela aponta que o poeta “*parece se colocar no lugar do personagem com o qual mais se identifica – o homem da história.*” (GALVÃO, 2006: 89).

Esses foram alguns exemplos das representações sobre o crime nos folhetos de cordel. A partir deles, podemos compreender muitos aspectos da sociedade paraense na primeira metade do século XX. Os valores atribuídos ao crime e aos agentes envolvidos são compartilhados pelo público, que deseja uma história com “feras” e “heroínas”. O público geralmente já conhecia os crimes, por meio da oralidade e dos jornais, contudo, como nos aponta Ana Galvão, o que parecia interessar era, além de uma opinião/interpretação do poeta sobre o caso, uma “*revisão*”, uma “*recapitulação*” daquilo que já se sabia no formato – *literário – da literatura de cordel*. (GALVÃO, 2006: 90). Desse modo, a narrativa dos folhetos, poderia ter uma espécie de caráter pedagógico, no sentido de que o leitor deveria entender como ocorreram esses acontecimentos condenados pela sociedade e sobretudo deveria aprender o que fazer para não se ter comportamentos semelhantes ao dos criminosos das histórias lidas por ele. Os versos de cordel constituíam assim um elemento importante de leitura para a população paraense na primeira metade do século XX, e os crimes, um assunto de grande interesse para o público dos folhetos.

Referências

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSITE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

Folhetos de cordel (Acervo Vicente Salles do Museu da UFPA):

ANÔNIMO. *A morte do General Pinheiro Machado e a confissão do assassino*. Belém: Guajarina, janeiro de 1937.

ANÔNIMO. *A tragédia do bairro de Canudos* – Narrativa da mulher que, em defesa da honra conjugal matou seu seductor com um pão de goiabeira – Maria Francisca da Silva, defensora de sua honra. Belém: Guajarina, 20/11/1931.

ANÔNIMO. *História completa de Severa Romana*. Belém: Edições do Museu da UFPA (Coleção Literatura Popular Paraense. Série Guajarina, Cordel n. 2), s/d.

AMARAL, Firmino Teixeira do. *O homem-féra: os sofrimentos de uma creancinha de 3 anos de idade*. Piauhy: Guajarina, s/d.

BELÉM, Arinos de. *O crime da Praça da República*. Belém: Guajarina, s/d.

_____. *O crime da Praça da República (Segundo volume)*. Belém: Guajarina, s/d.

MARTINS, Thadeu de Serpa. *O caso da menor Anália*. 3 ed. aumentada. Belém: Guajarina, janeiro de 1929.

_____. *O crime da mala ou a tragédia silenciosa*. 2 ed. Belém: Guajarina, maio de 1930.

SOUZA, Apolinário de. *O crime das duas malas*. Belém: Guajarina, s/d.

VICENTE, Zé. *O rapto misterioso do filho de Lindbergh*. Belém: Guajarina, 28/05/1932.

Revista (Biblioteca Pública Arthur Vianna – Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves):
Pará Ilustrado. Ano 2, n.137, 20 de fevereiro de 1943.

Bibliografia:

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo. Apresentação. In: *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

FAUSTO, Boris. *Crime e cotidiano. A criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

GALVÃO, Ana. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

- LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSITE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto
- LACERDA, Franciane. Imprensa e poesia de cordel no Pará na primeira metade do século XX. In: *Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Cd-Rom.
- MENEZES NETO, Geraldo Magella de. Crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX. In: *Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio: Memória e Patrimônio*. Rio de Janeiro, 19 a 23 de julho de 2010.
- MOURA, Clóvis. *O preconceito de cor na literatura de cordel*. São Paulo: Resenha Universitária, 1976.
- OTTONI, Ana. “O paraíso dos ladrões”: imprensa carioca, civilização e gatunagem na cidade do Rio de Janeiro (1900-1920). In: *Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio: Memória e Patrimônio*. Rio de Janeiro, 19 a 23 de julho de 2010.
- PORTO, Ana. *Novelas sangrentas: literatura de crime no Brasil (1870-1920)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2009.
- SALLES, Vicente. Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes. *Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro, jul./set. 1971, n. 9.
- _____. *Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SLATER, Candace. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- SLENES, Robert. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary Del. (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- VICENTE, Zé (1898-1975). *Zé Vicente: poeta popular paraense. Introdução e seleção Vicente Salles*. São Paulo: Hedra, 2000.

Recebido em: 08/04/2011

LEITORES EU VOU CONTAR UM CASO IMPRESSIONANTE, UMA CENA MUITO TRSITE, E UM CRIME HORRIPILANTE: crimes e representações nos folhetos de cordel do Pará na primeira metade do século XX – por Geraldo Magella de Menezes Neto

Aprovado em: 24/05/2011